



Semanário humorístico e literário

Propriedade da Empresa do PARDAL

Director e editor: Luís Teixeira Jacinto — Administrador: António Dantas

Redacção: Campo da Misericórdia, 13
Administração: Rua de Paio Galvão, 70



Composto e impresso nas oficinas da
Tipografia Minerva Vimaranesse

Guimarães, 30 de Abril de 1916

Pátria Heróica

Aproxima-se a hora do heróico **Portugal** entrar na luta.

Luta profética, que embora jorre o sangue dos nossos bravos, é nosso dever lutar pelo futuro, e não deixarmos calcar aos pés da ambiciosa Alemanha, a nossa **história, os nossos feitos brilhantes.**

E' necessário que todos se unam e tenham esperança.

Colocai os olhos no passado e vêde, como **Alvares Cabral, Afonso de Albuquerque, Vasco da Gama** e tantos outros que a nossa **história** fala, trabalharam, lutaram, para que este mimoso torrão tivesse no mundo civilizado um nome brilhante, um nome que já mais poderá ser apagado.

Portugal, velho, cansado de tantas lutas, cheio de gloriosas tradições — o primeiro que sulcou os mares — **mares nunca dantes navegados...** vê-se a braços com a guerra, e tem que lutar, tem de se preparar.

Há-de novamente criar ânimo, rejuvenescer, há-de mostrar ao **mundo** que é, e foi sempre o **Portugal** doutroa.

Não é o peso das suas cans que o fazem vergar, e guerreiro como sempre vai para o campo da batalha, vai lutar, lutar por uma causa sagrada, a nossa independência.

A hora está prestes; e vós mães, que vêdes os vossos filhos abandonarem por esta causa santa, os vossos lares, infun-

di-lhes coragem, não os esfrieis pois, ao vê-los sair das vossas casas. Não vos coibais de lhes dizer: Lutai... lutai e vencei.

Ides cobertos de pólvora e aço, mas voltai cobertos de flores e bandeiras. Fazei com que a posteridade contemple estática e curvada os coruscantes feitos das vossas armas, assim como nesta hora solene, nós contemplamos os heróicos quadros da história de **Portugal.**

Tivemos um passado glorioso! E' preciso que esse passado se não apague... E' preciso que brilhe eternamente, para mostrarmos a nossa coragem e o engrandecimento do **Jardim da Europa.**

**A nossa Pátria.
Pátria heróica...**

Pardal.

O Pardal na depenicadela

Alembadura

Foi nomeada, aqui há tempos, pela Câmara, uma comissão encarregada da escolha de livros para a Sociedade M. Sarmiento, tendo para esse fim a regular quantia de 100.000 escudos, salvo erro.

Fazem parte dessa comissão homens simplesmente inteligentes e sabedores a quem a Câmara entregou plenos poderes para o cumprimento do mandato. Entendeu a Câmara nomear essa comissão e entendeu muito bem, porque se dizia que até hoje nenhuma direcção da S. M. S. cumpriu o que um certo artigo do regulamento da Câmara lhes impunha.

Não sabemos se assim é, mas pouco mais ou menos a coisa por aí anda.

Sim, como sabem, nós pouco sabemos lá de artigos e de disposições, nem tam pouco nos demos ao trabalho de os consultar neste momento, por que dizem que as massadas estão proibidas.

Ora se as direcções eram pouco escrupulosas no cumprimento que lhes impunha este ou aquele regulamento, a comissão, há muito tempo nomeada, é um tudo nada, para não dizer alguma coisa, desmazelada.

Se uns são assim, os outros assim são, levando-nos à conclusão de que todos são filhos do não-te-rales... que não ganhas dinheiro.

Que nos desculpem e perdõem os Ex.^{mos} Srs. que fazem parte da comissão, e que tomem em consideração esta simples *alembadura*, pois é muito natural que se tivessem esquecido, fazendo chegar à S. M. S. o mais depressa possível, uma duzia de livros de sã literatura e boa arte.

Desculpem e mãos à obra. | A questão é de vontade pois que o sacrificio não é grande.

*
* *

Diz o sr. Alpoim, (mas vamos que de esta vez sempre diz duas coisas com cabeça) a respeito do incendio do Arsenal: *Pois, tendo ardido há meses o Depósito de Fardamentos, e havendo já então as suspeitas que vieram a público, não se devia ter redobrado de cuidado, (houve sempre cuidado para o que não devia haver. Isto é tirada cá nossa) de vigilância, na inspecção e defeza e segurança dos estabelecimentos militares, tornando impossivel qualquer tentativa?*

E' verdade que sim sr. Alpoim.

Mas que quer Sua Ex.^a que lhe faça se é gatinha que nem se lembra de trancar as portas depois da casa roubada?

Ora o mais pratico é deixar arder.

Não acha que é melhor?—

Ora!...

*

Queria falar-lhes do fundamento do navio norueguez, diz o dito sr. A., mas receio que a censura não deixe.

Tadinho! Tem medo ao papão.

Eu bem quero mas não posso, ai, ai... Não é assim a cantiga?

Isto de saber de antemão que a censura não deixa, é caso! E' profeta não há que ver.

Mas ainda lamenta, que a censura aqui seja, pela intrepetação dos censores, mais rigorosa do que em Inglaterra.

Que admiração!

Em intrepetações, (nós vemos muito) em rigores e apurmos não há ninguém, absolutamente ninguém que nos chegue.

Sempre acima dos outros.

Que admiração!

*

O jornal o «Seculo», publica o seguinte desmentido: *Ao contrario do que por aí corre, o governo não tenciona (g pequeno; a culpa não é nossa; nós simplesmente respeitamos) apresentar ao Parlamento (aqui está bem, P grande; respeitamos) qualquer*

proposta regulando as funções religiosas dos eclesiásticos dentro dos templos.

Dentro dos templos!

E seria caso de grande admiração e espanto se tal acontecesse?

Seria o complemento da grande obra da Separação...

* *

Perguntam-nos a razão porque não abre agora, à noite, o gabinete de leitura da S. M. S.

Eu sei-lá!

Isso é com os cabos.

No entanto, parece-me que a despesa era alguma, e a direcção não tirava lucro nenhum. Se houvesse persistencia e boa vontade o resultado seria manifesto e grande! Querer vencer em pouco o que leva muito é erroneo.

*

Menina de andar facciro,
Que saltitas nos asfaltos.
Se um dia caes desses saltos
Não te fica um osso inteiro.

(Da G. da F.)



Jóias da nossa terra...

Recebemos e gostosamente publicamos o artigo do nosso illustre conterrâneo, sr. Alfredo Felix, um verdadeiro segundo Padre António Vieira, Bernardes e mais intellectualidades fradesças. Atenção, pois:

«Ilusões

Estima, afeição, amor, sinceridade, dedicação, amizade, que belas e mentirosas máscaras. Efectivamente, são umas belas e mentirosas máscaras. Só crê nisso a creatura mais inocente, mais ignorante, mais ridícula. Esses nomes estão infamemente repletos de impostura. Só numa coisa devemos

religiosamente crêr: na Morte. Em mais nada, precisamente em mais nada. A morte é uma coisa bela, subtil e suave! A Morte é uma ninfa mais mimosa do que as flôres. A Morte é uma sereia que nos seduz, que nos encanta, que nos surpreende. Morrer! morrer! que suavíssima epopeia. Morrer! morrer! que doçura deliciosa, que meiguice, que prazer! Morrer! morrer! que grande felicidade!

Gosar a Morte é o mais sublime goso que gosamos.

Penso na Morte com devoção e com alegria, até. Nunca vi a Morte, mas creio que é um anjo envolvido num manto enegrecido, meigo como uma mãe, affectuoso como uma virgem. A Morte afasta-nos, quando vê a nossa immi-nência, do lamaçal em que vivemos, da lucta que sustentamos. Ela é a nossa protectora, vigia-nos de longe, é o nosso anjo da guarda. Eu penso apaixonadamente na Morte! Se não hei de pensar, se não hei de ser um crente fervoroso na Morte redentora! Quando sômos invadidos pelo mais agudo, implacável e grave sofrimento, a Morte, dorida com a nossa infelicidade, estreita-nos materialmente, affectuosamente, contra o seu peito e envolve-nos no seu diáfano manto. E assim nos salva, por que a morte é adversaria fidal do sofrimento. Depois de nos salvar carinhosamente, meigamente, vai-nos cobrir com o lençol da terra. Penso com devoção na Morte.

Eu invejo a sorte dos Mortos!

Quem a não há de invejar, pois se elles estão na terra, deitados de papo para o ar, imoveis, sem afflições, sem cuidados? Vivem numa absoluta solidão, vivem quasi em familia. A Morte é a nossa maior amiga.

Pensar na Morte é ter fé de que havemos de morrer, e o morrer é uma sensualidade inaudita.

Morrer! morrer! que coisa poética, que coisa divinal!...

Penso na Morte com devoção.

Morte é a águia da liberdade...
é a deusa da nossa religião!
Morrer! morrer! morrer!

Alfredo Felix.»

N. da R.—O' Alfredinho, Alfredinho: nunca viu o olhar dum morto?

Porque não resolve ir até aos campos da batalha, para melhor descrever, com todos os pontos e vírgulas, o que é a tal bela, subtil, suave, mimosa, suavíssima epopeia, sublime goso, anjo de manto enegrecido (xó diabo! arrengote!) meiga como uma mãe (arre! que é bruto!) affectuosa como uma virgem (mas será do paraíso das cândidas donzelas? paraíso descoberto por V. no artigo saído, há dias, no *Vimaranense?*), anjo da guarda e (e do diabo!) redentora... a morte?? Que bom rebufado, dá um ó mano! Com que então V. queria morrer para estar deitado de papo para o ar, imovel, sem afflições e sem cuidados, como os porcos quando se deitam nos chiqueiros, lá por as aldeias? A Vossa vontade seja feita.

Os mortos, diz V., vivem numa absoluta solidão, quasi em familia. E' certo; tem para seus companheiros o Gonçalo, o Sorveta e o padre António: o primeiro leva-lhes numa pichorrinha três quartilhos e as biscoas; o segundo diverte-os recitando o «Melro» do Guerra Junqueiro; finalmente, o terceiro, faz comícios de propaganda para as próximas eleições.

Que regalada vida!

A morte é a redenção dos tolos! não acha, Alfredinho?

O Pardal no dicionário

Arreganhada—A nêpera.

Arreios—Instrumento usado para fazer parar as bestas.

Arribação (Pássaros)—Cidadãos que impingem o conto do vigário.

Arrogante—O sr. Leote do Rego.

Arrojado—O Avelino, barbeiro, para se agarrar aos chifres dum garraio.

Arrolamento—O que só agora se está a fazer ao milho, depois de o não haver.

Arrolhado—Como eu ando.

Arrombadela—Futadela.

Arrombado—Como êfica depois de furado.

Arrufada—Pêcura com ciumes.

Arrulhar—Beijocar à luz da lua.

Arsenal—Casa onde os *alamões* deitaram fogo.

Artificialmente—Como eu vivo.

Artilharia—O que nós oferecemos, mas que agora precisamos.

Ascensão—Ir no balão.

Asco—Ódio, ou coisa parecida.

Asno—Um idiota com pretensão a illustre.

Asfixiantes—Os gazes dos *alamões*.

Assíduo—Como eu sou, nesta secção.

Assinalados—Os barões.

Assinantes—(bons). Cidadãos que nos mandam o caroco p'ra assinatura, e os que não ferram o cão.

Assinaturas—(muitas). O que nós queríamos.

Assobio—Instrumento que muito menino lhe chama um figo.

DR. XABREGAS.



O Pardal para Mademoiselles

Que vês na treva indecisa?...
Que divisas lá no céu?...
Com certeza, minha amada,
Duas palavras: "Sou teu!"

A. A. MESQUITA.

*
* *

Se a natureza se torna sedutora e bela com os fulgurantes reflexos dum meigo luar, também a minha existência se sente alegre e verdadeiramente feliz com a santa luz do vosso olhar.

*
* *

O amor sincero, sinceramente correspondido, é indestrutível como o bronze e, como este, immortaliza a união de dois corações.

*
* *

Amor! Esta palavra sublime quando sincera, é o poema doce e harmonioso da nossa existência.

*
* *

Assim como a rosa abre as suas mimosas pétalas para receber o orvalho matutino, que lhe dá vida e beleza; assim meu coração se abriu para receber o teu amor e nele permanecerá eternamente.

*
* *

Quando estimamos sinceramente uma pessoa e somos obrigados a separar-nos dela. A saudade matar-nos-hia se não fôsse a doce fada que se chama *Espança*.

*
* *

O beijo é a expansão de um sentimento acrisolado no âmago do coração, que num momento se expande e vem brilhar ao flux dos lábios.

Sem pés nem cabeça

I

—Adeus, comadre!

—Olá! como bae isso? ora ha que tempos já que eu a num beijo. Antão bocemecê como tem passado, minha comadre?

—Ai filha, ando mesmo de todo com o reumatigo. Deu-me primeiro aqui neste cadril e bae agora passou-me já prá perna, que eu nem a posso arrastar... é os meus pecados.

—Não que as doenças em bindo ó corpo a uma pessoa, ai *santo nome!* num se bê a gente libre delas. Eu tambem ando uma chóca que eu sei lá, dão-me agora porqui umas pontadas em riba do estámago...

—Isso hade ser talvez coisa da madre... Olhe, ba-lhe metendo pra dentro umas pinguinhas, que isso é fraqueza que bocemecê traz, num é mais nada.

—Mas olhe que eu cômô agora muito vem... andei uns dias, ai minha filha! aquilo era um fastio de morte, não imagina... mas, felizmente, agora cômô que eu sei lá.

—Pois isso é que é perciso, comadrinha.

—Antão bocemecê beio às suas compras?

—E' berdade. Num trago nada e olhe que gastei um dinheirão.

—Não que êle está tudo pela hora da morte. Pra se meter alguma coisa na panela é uma consumição; eu nunca bi.

—Antão que quer? é agantar e cara alegre. Diz lá o meu home que a culpa disto tudo é os governos... e êle que o diz tamem é porque o save porque êle anda lá sempre metido nisto de politigas...

—Pois inda aí bae. Não que isto de governos são bôs joias. O que êles quer é tirar a canisa ós probes, minha comadre... E' só

atributos pra riba cá da gente e quem num tiber hade comer pedras das ruas.

—Eu cá antão se fosse pessoa assim que governasse, nem cinco reis havia de tirar ós desgraçados.

—Pois isso é o que tamem diz o meu home. Uma pessoa anda a matar-se com trabalho e ó fim de contas é tudo pra decimas. E bae óspois quem tem um bocado de bergonha, quem quer andar com a sua cara descoberta, sim, já se save, não hade querer ir pró relaxe.

—Ai, os pequenos num é que bõo pra lá... se fôr a-ber, num se bê lá senão os graúdos.

—Mas a esses num metem eles.

—Ora! ainda ahí bae! não que esses são lá da politiga, minha riquinha, e ora já bê naqueles num se mexe.

—Pouca bergonha! tudo carrega sobre os probes.

—Vem diz o meu home; lá êle é que diz vem. Isto era a gente pegar ai num atrocho e dár pra vaixo.

—Pois isso era, comadre; isso é berdade... mas o pior é que lá estava o trivunal.

—Cal trivunal... o trivunal acavava. Não que se a gente chigasse a esses ajos, antão pensa bocemecê... istá enganada... antão a coisa tamem por lá havia, de tocar. Que aquilo é uma pouca bergonha, minha comadre... ali aquilo é roubar que *santo nome!* é mesmo num ter nenhuma conscença aqueles marotos.

—Olhe, eu que o diga comadre, eu que o diga.

—Bocemecê save quando eu quebrei as bentas à Braboza?... aquela vebeda que me roubou o meu cordão e ainda por riva se pôs a dezer que ele era d'ela?... Pois aquela marota, como andaba metida com o Ferreira, aquele coxo que era lá cabo de sessão, sempre a vebeda me arranjou uma enfroscada, que eu se num

Se quereis um bom chapéu
por preço módico, comprai-o na

Chapelaria FREITAS—Tourol

quiz ir responder ó tribunal, larguei ainda um par de moedas vem vonitas. E foi preciso eu ir-me ter co'o meu compadre, que foi quem lá me compoz esse negoço. Aquilo é uma ladroeira, minha comadre.

—Pois já se bê e os probes é que pagam. Ora deixa-me ir cá à minha bida que são horas. Bomecê quando quizer, olhe, apa-
reça.

—Heide lá ir fazer-le uma bezitinha, deixe estar.

Quando quizer e antão adeus.

—Adeus, adeus, bá à sua bida, bá coitada.



Correspondência

CAIXA

João Teixeira—Vou tratar disso, talvez convenha; arranje aí quios-que mas sério.

A. Lemos—Recebemos seu postal; concordamos mas é necessário estar cá à quarta feira.

Anónima—Oh! gentil senhora, estamos inteiramente ao seu dispôr, mas desta vez é já tarde, só no próximo número.

Lucas—Isso é chorar de mais; faça coisas de rir, do contrario não publicamos.

Ora ó Lopes...—Vá-se despir; isso é um roubo descarado; tenha vergonha.

Prevenção

Escusam mandar-nos cartas de namoro, pois não lhe damos publicidade. Gastam estampilhas e nada conseguem.



o Pardal na galeria

Teatro Gil Vicente

O *Filho Pródigo* peça em 3 actos. Maravilhoso trabalho do actor Ernesto Freitas; magnífica encenação.

CINE

High-Life—A película em 5 partes da série de ouro, *Guarda de Sua Majestade*.



A voz:

—Por Deus dissei-me quem sois! Falai, falai, por favor.

A voz dele:

—Escuta, eu vou-te dizer Quem sou: sou um professor.

A voz:

—Oh! um professor??

A voz dele:

—Sim, sim.
A minha missão consola
Todas, todas as crianças
Que frequentam a escola.

A voz:

—Nobre e altiva missão
Do nosso professorado:
Humilde e ajoelhado,
Permiti vos beije a mão.

(Depois de beijar-lhe as mãos respeitosa-mente:)

E que mais, que mais sois vós?

A voz dele:

—Um proposto deputado
Pelo Antonio de Almeida.
Infeliz!! Fui enganado!...

(Nesta ocasião S. Ex.^a suspende a fala enquanto as lágrimas lhe correm pelo rosto.)

A voz:

—E que mais, e que mais sois?

A voz dele:

—Um talentoso orador,
Polemista e jornalista,
Um afamado escriptor.

A voz (admirada):

—Oh Céus! oh Céus!
Neste momento,
Me curvo beijando os pés
Do nosso maior talento.

(A voz foge para longe...
E as rajadas do vento
Murmuram, quasi em segredo:
—Iminência do talento!?)

ÓSCAR DINIZ.

O PARDAL NOS PENSAMENTOS E DITOS

Faço melhores fatos do que em Londres!

E. Vasconceles.

Porque será que tudo me fica bem?

I. Coelho.

Fiz um *sucesso* no Tango!!!

Jacinto.

Se fôr p'rá guerra hei-de matar sete *alamões*.

Matos.

Idem... Idem... Idem... Mas eu há-de ser de arimplano!

A. Rendeiro.

Tenho o estabelecimento cheio de cautelas... de prego estás a ver!

A. Rocha.

No carnaval, gastei três centos de cocotes!!!

Manuel Calixto.

Na Páscoa fiz roscas, que não chegaram p'ra satisfazer a freguesia.

Martinho Fernandes.

Vou negociar em cascas de ovos, tenho perto de dez mil.

A. Guimarães.

Pectogenol p'ra fraqueza e Depurol para a sífilis só na Normal.

Sousa.

Anda por aí muito areiado. Afinal eu, de areias tenho apenas o nome.

Areias.

Vamos p'ra guerra... A' pernas p'ra que te quero.

Peixoto.

Má raios parta ó! diabo... Eu com um ôlho, vejo mais do que vocês todos.

Freitas.

Oh! 34... *Ora ó Lopes.*

Coimbra.

Só se me nomeatem regedor!...

Meira.

Dogra... dogra e no fim é tudo droga.

Fernandes.

Vou agora p'ra marçano, p'ra poder vender milho e feijão lá na esquadra.

Polleia 10.

Sou bombeiro, operador, bilheteiro, cobrador e ainda hei-de chegar a doutor.

Emilio Castelar.



Gemidos da nossa lira

Trovas oferecidas ao nosso poético povo

(Cancioneiro para violas e instrumentos de corda e palheta; para instrumentos também de peles e ferrinhos; para dar a afinação precisa o cantador ou cantadeira tem de cantar, sentimentalmente, senão... lá se vai a festa... Clave de sol: tom menor...)

XVII

Fôste dizer mal de mim sem teres razão para o dizer; quem me dera ser um terço do que muitos julgam ser.

XVIII

Eu creio nas tuas falas, como creio no Evangelho; dum camelo a um conselheiro vai... a carta de conselho.

XIX

Ao passares à minha porta vem a passo mais subtil; a inveja é o caruncho que roe muito imbecil.

XX

Quando escuto as tuas falas, fico de todo encantado; mais vale cair em graça do que ser muito engraçado.

JOÃO BREJEIRO.

Sons de Abril

Não nego! Foi enorme a sensação que senti ao 'scutar êsses harpejos do bando de andorinhas em desejos de imitar nota a nota a viração.

Melhor, muito melhor que êste baldão da minha sorte, é sempre a sorte delas! Não dizes que te cantam as janelas os hinos divinais da criação?

Mas eu faria mais com seus adejos, se, como elas voejam, eu seguisse pelos confins aérios do espaço!

Aprendia com elas a dar beijos e fazer-me ia caído quando visse que na queda encontrava o teu regaço.

Abril de 1916.

R. E.



PRIMAVERA

E' chegada a encantadora Primavera, a rainha aprazível da Natureza, essa quadra ridente do ano em que os corações rejuvenescem, as almas se alegram e no pensamento embebido por ilusões mortíferas, brotam esperanças fagueiras e risonhas!

Florescem as olaias e as mimosas flores, sentindo-se afagadas pelos castos beijos dêsse astro rutilante, que lá do alto num vislumbre de luz, vem espargindo seus raios coruscantes como a saudar a terra sua amada, espalham pela deleitosa atmosfera um perfume tam enebriante e agradável capaz de fazer germinar nos mais árduos corações a chama ardente do amor!

O arvoredado veste-se de galas e os prados verdejantes formam um extenso tapete de relvados!

As avesinhas, que numa revoada louca saltitam de ramo em ramo com uma graça e agilidade pasmosa, vêm entremear de doces gorgeios, meigos colóquios de namorados!

O brando ciciar das folhas produzido pela brisa suave que

O PARDAL NO CARNET

Um grupo de gráficos desta cidade, constituídos em comissão, promovem para o próximo dia 4 de Junho um passeio recreativo á vizinha cidade de Braga.

Os bilhetes, ao preço de 55 centavos, encontram-se á venda na sede da Liga das Artes Gráficas de Guimarães e nas casas dos seguintes srs.: Chapelaria Freitas, ao Passeio da Independência; Barbearia Manuel Ribeiro da Silva, á rua 31 de Janeiro; Barbearias Machado e Figueiredo, á rua da República.

Também tomam parte no referido passeio um grupo de barbeiros.

Foi promovido a alferes o sargento-ajudante de infantaria 20, sr. Januário Lopes de Sousa.

Igualmente foi promovido a tenente e colocado no Ultramar o alferes de infantaria 20, sr. Mário Cardoso, irmão do sr. Abel Cardoso.

Tem estado doente o sr. dr. Alfredo Peixoto.

Na passada terça-feira fêz anos a menina Maria Fernanda, filha do sr. João Rodrigues Loureiro.

Esta festiva data foi comemorada com um lauto banquete, que se realizou no Grande Hotel da Penha.

A sr.^a D. Carolina de Macedo Bastos, esposa do sr. Manuel Pereira Bastos, director técnico da Fábrica do Castanheiro, acaba de oferecer ao hospital da V. O. T. de S. Francisco o seguinte donativo: 36 colchas brancas para cama, 18 toalhas para mesa, 20 duzias de guardanapos e 5 ditas de toalhetes, tudo no valor de 110 a 120 mil réis.

Actos destes nobilitam quem os pratica.

Faz anos na quarta-feira a gentil menina Aurelina Pires, filha do sr. Joaquim Pereira de F. Pires Guimarães.

A Comissão Executiva da Câmara votou em orçamento a quantia de dez contos para compra de milho, afim de abastecer os mercados, desta cidade. Será adquirido directamente por via da autoridade administrativa e por esta fornecido ás classes pobres.

Aprovou uma proposta do sr. Mariano Felgueiras, ácerca dos melhoramentos locais.

O Grupo Scénico e Tuna da Juventude Católica desta cidade promovem no dia 7 do próximo mês de Maio um passeio recreativo á ridente e encantadora Serra da Penha.

De tarde haverá um concerto pela Tuna, organisando-se também uma festa desportiva com diversos jogos, como sejam corridas negativas de bicicletas, luta de tração, etc.

E' pois de esperar que muitas familias desta cidade vão passar o dia áquella risonha estância.

A partida será ás 6 1/2 horas da manhã e a chegada ás 7 horas da tarde.

Antes da partida a Tuna fará uma arruada pela cidade.



O Pardal na secção de carapuças

V

Tens, p'ra pintar o cabelo, tal dinheiro gasto em tinta que chegava, podes crê-lo, para comprares uma quinta.

Dizem que és doido varrido e, aqui p'ra nós, acredito: basta p'ra isso teres lido tudo quanto tens escrito.

perpassa num lento psalmodear, o murmúrio voluptuoso das águas de pequenos regatos que, no seu percurso ondulatório, vão fendendo as verdejantes ervinhas dos extensos prados, a voz repercutida das lindas e alegres camponezas que, num descante jovial, se entregam ao laborioso e pesado trabalho dos campos, tudo isto nos vivifica o espirito, nos dá vida ao coração, nos consola a alma e faz brotar no pensamento absorto em mil ilusões monótonas, recordações saudosas e debelantes do passado.

As folhas suspiram; as flores abrem as suas petalas mimosas dum aroma enebriante!

Atravez os telhados dos pequenos casebres o fumo eleva-se no ar em dealbações de vapor, formando densas nuvens encasteladas!

As irrequietas borboletas, saltitando em doida alegria de flor em flor, cruzam-se naquele ambiente de perfume.

A' tardinha o sol, ao declinar no horizonte, esparge os seus ultimos raios sanguíneos, deixando rubros clarões no azul do firmamento, que a pouco e pouco se vai cubrindo dum manto alvinitente de fulgurantes estrelas, para dar passagem à rainha noite, a êsse astro de prata, confidente dos mais belos sonhos de amor.

Tudo é alegria, paz e enlevo! Em cada labio se vê um sorriso e em cada olhar um raio de luz esperançoso!

Primavera! E's o vigor da mocidade e o paraíso eterno dos namorados!

Guimarães, Abril de 1916.

A. F. F.



Gravatas, camisas, guarda-chuvas
por preços insignificantes na

Chapelaria FREITAS—Toural—Correi a ver
a exposição

O PARDAL NA SECCÃO LITERARIA

DUAS SANTAS

(Ao Alfredo Vasconcelos)

No meu humilde quarto, despresados
Os rendilhados caros, luxuosos,
Só tenho na parede, pendurados,
Dois retratos divinos e formosos.

Um, tem essa expressão misteriosa
Que nos lança o amor em todo o ser...
Há no outro essa graça dolorosa
Dum poente d'abril, ao longe, a arder...

O primeiro é o teu ó minha amada
O segundo, a imagem adorada
Da bendita e santissima Maria

E eu com devoção e com bondade,
Rogo a um que me legue a fel'cidade,
E ao outro os momentos d'alegria.

Porto, 1915.

NOVAIS TEIXEIRA.

DESGRACADAS

Oht n'insultez jamais la femme qui tombet
(VITOR HUGO.)

Oht... Ele há tantas... tantas desgraçadas!
E eu tenho-as visto nas noites luarentas
a olhar para quem passa, bem atentos,
e a sorrir com tristezas disfarçadas...

Descalças e de faces macilentas,
passam, ruas em fora, desgrenhadas.
E cantam sempre tristes quadras lentas
onde há muitas lágrimas misturadas.

E como muitas, eu, vendo-as assim
Sinto uma imensa dôr juntar-se a mim,
e mais não tenho a alma de Baudelaire.

Porém, se realmente Cristo existe,
admira que êle nada se contriste
ao contemplar assim tanta mulher.

ARTUR DE MATOS.

QUADRAS SOLTAS

I

De mãos erguidas a Deus
Hei-de pedir com fervor,
P'ra destinar lá nos céus
Um ninho p'ra o nosso amor.

II

Quando alta noite me deito
Vejo sempre, ó minha cruz,
Teu corpo de lírios feito
Envolto em vestes de luz!

III

Eu vivo crucificado
Como Deus, Nosso Senhor;
Na cruz dum enorme affecto
Onde sôfro tanta dor.

IV

Nenhum aroma se iguala,
Nenhum, nenhum, sete-estrela,
Ao aroma que se exala
Das ondas do teu cabelo.

V

Se de noite nos teus lábios
Um beijo sentires dar,
Não tenhas medo:—sou eu
Que em sonhos te vou beijar.

VI

Não são da tua alma as lágrimas
Que teus olhos humedecem;
Elas nascem nos teus olhos
E nos teus olhos fenecem...

VII

Quando pela rua, qu'rida,
A tua figura passa,
Fica um perfume suave,
Fica um ar da tua graça.

Pôrto.

EDURISA.